

HENRIQUE BARRILARO RUAS – PERANTE A SUA MORTE

«O essencial é invisível para os olhos»: Henrique Barrilaro Ruas¹ tornou visível o essencial. Figura que se foi tornando pública, começou, na minha lembrança, como jovem professor da Faculdade de Letras de Lisboa, na altura em que na disciplina de História pontificavam Virgínia Rau, Manuel Heleno, Scarlat Lambrino, na Filosofia Délio Santos, Ribeiro Soares e, no ocaso da sua carreira, Vieira de Almeida.

Ele surge na minha memória, como assistente de Ribeiro Soares e de Virgínia Rau, ensimesmado numa timidez incrível, chegando ao ponto de se pôr à janela quando pressentia que as cópias, nas provas de frequência, se processavam a ritmo vertiginoso entre carteiras. Depois, foi-se afirmando no palco deste mundo, pela profundidade dos seus saberes, pelo desassombro sereno com que afirmava as suas opiniões políticas e opções culturais, fruto de um labor discretíssimo de investigação e leitura. A cultura que foi adquirindo ao longo da vida, a meditação que o saber lhe proporcionou transpareciam na sua ética pessoal, tornando-o um ser atento a todos. Não era excluyente: integrava; não silenciava: aplaudia. Esta versão da cultura, tão pacífica, será um dos seus grandes exemplos que fica ligado à memória que guardamos dele e que, no momento da sua morte, frente ao mistério do fim, quando os que ainda ficamos, prefiguramos aquele mudo encontro com o desconhecido, nos avassala e nos consola e se ergue em gratidão.

Maria Teresa Pimenta
2003

¹ n.1921; m.2003.